

Nova proposta para conversão

por Fernando Canzian
de São Paulo

Rudiger Dornbusch, economista do Instituto de Economia da Universidade de Massachusetts, presente, ontem, no VII Encontro Latino-Americano da Econometric Society, afirmou "que é maluco imaginar que a conversão da dívida externa em capital de risco vá resolver a questão dos investimentos externos necessários nos países endividados da forma que está sendo proposta".

O economista propôs que um novo esquema de conversão seja pensado: "As empresas multinacionais e estrangeiras aqui sediadas remetem lucros e dividendos comprando dólares no Banco Central à taxa oficial. Pela minha proposta, com estes dólares elas comprariam títulos da dívida externa brasileira negociáveis no mercado secundário com descontos (deságios) de até 50%".

Num passo seguinte, segundo Dornbusch, essas empresas poderiam trocar

esses títulos por cruzados, "por 100% do valor de face, ganhando o deságio", afirma.

Segundo ele, se o Brasil tiver condições de impor algo aos banqueiros na negociação de setembro próximo, deverá rolar metade dos juros e pagar a outra metade em cruzados, que seriam revertidos dentro do próprio País na forma de investimentos estrangeiros", de preferência, segundo ele, com um mínimo de limitação e direcionamento.

Ariyoshi Okumura, representante do Banco Industrial do Japão, que também participou, ontem, do Encontro Latino-Americano da Econome-

tric Society, criticou a política adotada pelos Estados Unidos no trato com seus credores latino-americanos. "O 'Tio Sam' tem de pensar nos endividados para evitar uma crise maior", enfatizou.

Segundo Okumura, "os japoneses têm um papel mais avançado no tratamento de seus credores", lembrando que o Japão é o segundo maior credor mundial, com créditos de bancos privados da ordem de US\$ 42 bilhões, enquanto os Estados Unidos são credores de US\$ 95 bilhões.

O representante do banco japonês afirmou que os credores de seu país "já estão fazendo progressos na área da conversão de dívida em

capital de risco com seus credores", mas afirmou que a conversão tem de ser bastante limitada, "pois senão os acionistas dos bancos credores reclamam".

Okumura disse que o Japão tem excelentes superávits comerciais e pode dar forte apoio aos países endividados. Ele propôs a formação de um organismo internacional, "como um Clube de Paris", formado por órgãos oficiais (FMI, Banco Mundial, etc.) e credores privados, para se unirem num comitê de monitoramento dos países credores "dando respaldo para a cooperação e o desenvolvimento" dos endividados.